

CINDY SHERMAN: AS MATRONAS DE TECIDO



Chovia sobre Londres. Entrei na galeria em busca de abrigo, mas trazia também uma pergunta, a mesma que me acompanha há tempos: *o que Sherman teria a dizer sobre envelhecer?* Nas paredes, nove grandes fotografias me esperavam, e cada mulher me devolia o olhar com uma emoção diferente.

Numa delas, reconheci um rosto antigo: uma amiga da minha mãe. Foi só um instante. Por trás da semelhança, algo mais escuro se insinuava, como costuma fazer a verdade. O olhar dela não pousava em lugar nenhum. As mãos e os braços, pesados de ouro, recolhiam-se junto ao corpo, como quem pede licença para existir. O tecido do vestido escorria para o fundo, e ela ia se desfazendo nele, devagar. Ali estava o envelhecimento, e com ele o velho destino da mulher que deixa de ser vista.

As mulheres de *Fabric Matrons*, a nova série da artista americana, estão envoltas da cabeça aos pés. Uma musa se enrola num pano que vira vestido vermelho até o chão. Uma matrona de *tweed* e meia-calça posa diante de uma cortina amarela. Outra se reclina, cercada de objetos. Em várias imagens, o tecido do figurino continua no fundo, e a figura parece se dissolver no cenário que a sustenta.

É a primeira exposição individual de Sherman em Londres, desde que passou a ser representada pela galeria, em 2021. E é, talvez, a mais pessoal em muitos anos.

O ponto de partida foi banal: uma revista de cortesia de uma loja de luxo nos Hamptons. Nas páginas, ima-



Untitled #706, 2026

© 2026 Cindy Sherman / Artists Rights Society (ARS), NY
Foto: Sarah Muehlbauer

gens lisas, retocadas, de uma modelo famosa da mesma geração de Sherman, coberta de joias. A partir dali, a artista começou a usar longos cortes de tecido ao mesmo tempo como figurino e como cenário. Assim a série encontrou sua linguagem.



Untitled #710, 2026

© 2026 Cindy Sherman / Artists Rights Society (ARS), NY – Foto: Sarah Muehlbauer

O método é o de sempre, e continua fascinante. Sherman trabalha sem roteiro. Primeiro testa tecidos e perucas, até que uma personalidade apareça; só então vem a maquiagem, que termina de dar corpo à personagem. Há quase cinco décadas ela é ao mesmo tempo modelo, maquiadora, figurinista, fotógrafa e diretora das próprias imagens.

A identidade, sua construção e suas metamorfoses estão no centro da obra de Sherman – e nunca foram tão atuais. Numa época de filtros, retoques e perfis cuidadosamente editados, todos nós fabricamos al-

guma versão de nós mesmos. Sherman fazia isso muito antes de virar hábito; e agora mostra o que acontece quando o tempo começa a desfazer a fabricação.

As fotografias não formam uma narrativa. São indivíduos distintos, cada um oferecendo ao público possibilidades de identificação com as próprias ansiedades, escolhas e desejos. Algumas têm a pele quase artificialmente lisa, como se tivessem passado pelo *airbrush*; outras encaram a câmera em close, com as rugas em evidência. Os códigos são os do editorial de moda: a pose, o brilho, a joia, porém o artifício está sempre à mostra.

Sherman nasceu em 1954. Desde os *Untitled Film Stills*, no fim dos anos 1970, ela pergunta como uma mulher deve parecer; e quanto custa continuar parecendo. Agora a pergunta alcança a velhice, e ela já não a faz de longe: faz de dentro. *"Foi além da beleza"*, diz. *"Acho que a série mostra as neuroses dessas personagens – provavelmente as minhas, e parecidas com as de muitas mulheres da minha idade."* Trabalhando perto da câmera, a artista conta ter se assustado ao ver o próprio envelhecimento – e liga isso a um duplo padrão: as mulheres são medidas por ideais de juventude e beleza com uma severidade que os homens não conhecem.

Untitled #705, 2026

© 2026 Cindy Sherman / Artists Rights Society (ARS), NY

Foto: Sarah Muehlbauer



A tensão entre resistir ao tempo e aceitá-lo atravessa as imagens, nos detalhes de maquiagem, figurino e cena. O tecido protege e esconde; a joia chama o olhar e o desvia. Há algo de *grande dame* e algo de fantasma nessas mulheres, armadas e apagadas pelo que vestem.

Durante a pandemia, eu e uma amiga entrevistamos mulheres, amigas e conhecidas, sobre envelhecer. Era um grupo pequeno, sem pretensão de estatística, mas a maioria se mostrava otimista em relação ao futuro e ao que ele poderia trazer. Diante das matronas de Sherman, me pergunto o que essas mulheres responderiam

Untitled #702, 2026

© 2026 Cindy Sherman / Artists Rights Society (ARS), NY

Foto: Sarah Muehlbauer





Untitled #708, 2026

© 2026 Cindy Sherman / Artists Rights Society (ARS), NY
Foto: Sarah Muehlbauer



Untitled #701, 2026

© 2026 Cindy Sherman / Artists Rights Society (ARS), NY
Foto: Sarah Muehlbauer

hoje. Eu sei a minha resposta: vou aceitando as mudanças no corpo e na mente, com dias bons e outros nem tanto. O segredo é seguir da melhor maneira possível, sem se deixar abater. Talvez seja essa a diferença entre as personagens de Sherman e as mulheres reais: elas se escondem no tecido; nós seguimos em frente, à vista.

Boa parte do tecido vem da Chanel. A convite da *maison*, Sherman usou tecidos e joias dos arquivos – *tweeds* tramados com tiras de couro, fio de ouro e lantejoulas, bijuterias dos anos 1990. A relação vem de longe: na série *Ominous Landscapes* (2010-2012), suas personagens já vestiam peças de arquivo da casa.

Desta vez a marca mandou rolos de tecido *vintage*, e a artista perguntou se podia cortá-los e abrir buracos

neles. Podia. Muitas das figuras usam o *tweed* como um poncho improvisado – a alta-costura reduzida à matéria-prima. Sherman também é capa do segundo volume da *Arts & Culture*, a revista da Chanel, lançada em outubro.

Aí está a ambiguidade que torna a série interessante. Uma obra que expõe a pressão sobre as mulheres para manter uma imagem é feita com o arquivo de uma das casas que mais produziram essa imagem. A Chanel, pela voz de Yana Peel, sua presidente de arte e cultura, apresenta a série como uma forma de dar visibilidade ao envelhecimento feminino, tema que raramente aparece. Sherman, por sua vez, desmonta o *glamour* com o próprio material do *glamour*. Quem sai ganhando nessa troca é uma pergunta que as fotografias deixam em aberto.

Na mesma galeria, abriu no mesmo dia uma individual de Lorna Simpson, que volta ao Reino Unido depois de oito anos. As duas artistas passaram décadas perguntando quem controla a imagem de uma mulher – e vê-las lado a lado só torna a pergunta mais aguda.

Antes de sair, fiquei observando o público. Alguns fotografavam as imagens com o celular, aprisionando aquelas mulheres mais uma vez, agora numa tela. As mais jovens passavam depressa; as mais velhas demoravam-se, indo e voltando de uma fotografia a outra, como quem procura alguém conhecido. Eu me deixei ficar nos detalhes: o ouro das joias, a trama do *tweed*, o ponto exato em que o vestido se confunde com o fundo. É neles que Sherman esconde, e revela, tudo.

Fabric Matrons não oferece respostas consoladoras sobre envelhecer. Oferece algo mais honesto: mulheres que se cobrem, se exibem e se escondem ao mesmo tempo, sem que fique claro se o tecido é armadura ou mortalha. Depois de cinquenta anos se transformando em outras, Sherman parece, enfim, olhar para si.

SERVIÇO

Cindy Sherman, *Fabric Matrons*

Até 23 de dezembro

Hauser & Wirth London

23 Savile Row, London W1S 2ET, Reino Unido

Dias/Horários: terça a sábado, das 10h às 18h

Entrada gratuita

<https://www.hauserwirth.com/hauser-wirth-exhibitions/cindy-sherman-london/>



Fotos: Maria Herminia Donato

